

Corpo e sofrimento psíquico

Henrique Figueiredo Carneiro

Este número privilegia dois aspectos importantes no campo da psicopatologia fundamental: o corpo e as formas de sofrimento psíquico.

Concernente ao corpo, apresenta primeiramente um trabalho que discute resultados parciais relativos à experiência da corporalidade vivida dentro do marco conceitual de uma pesquisa transcultural realizada com sujeitos esquizofrênicos no Brasil e no Chile. O resultado aponta que o significado do corpo vivido na experiência de 50 sujeitos distribuídos nestes dois países difere principalmente pela construção de sentido que se encontra atravessada pela relação psicopatologia e espiritualidade no Brasil, enquanto que no Chile predomina o sentido tomado exclusivamente pelo campo do psicopatológico.

No caminho da representação do corpo e do sofrimento, segue-se uma reflexão acerca do corpo na perspectiva psicanalítica destacando-se a importância das relações primordiais para a constituição do equilíbrio psicossomático. O lócus discursivo para este plano mediado entre a psicanálise e a psicossomática é o corpo de sujeitos acometidos por neoplasias. Neste percurso se discute principalmente a condição da dor, do prazer e da cura do corpo em função do mal-estar na cultura.

Encerrando esta primeira parte dedicada mais especificamente ao tema do corpo, a discussão sobre as neoplasias se amplia quando se insere com um outro trabalho uma contribuição sobre o avesso da dor, destacada aqui pela influência

do brincar como um importante elemento a ser levado em conta na cura de crianças. O fator eminente nesta construção é que o brincar é posto nesta situação como um saber-fazer com o infantil envolvido pelo campo da fantasia, vez que esta protege, dá prazer e viabiliza saídas para a dor psíquica.

O segundo bloco de trabalhos que se apresenta neste número atravessa a separação conjugal, o trabalho na creche, o sofrimento por parte de pessoas portadoras de deficiência, as fantasias de espancamento e a melancolia.

Na separação conjugal o que se põe em questão é quais os mecanismos psíquicos que envolvem o sujeito neste processo a ponto de mantê-lo preso a uma condição de constante ameaça de destruição ou até mesmo como cúmplice do seu algoz. Estas questões são atravessadas por uma hipótese que se elabora sobre a possibilidade de sustentação ou negação do encontro do sujeito com a angústia causada por um desenlace conjugal.

O trabalho psicológico desenvolvido nas práticas do campo das interações entre mães, crianças e atendentes em uma creche pública traz à tona os pressupostos do sofrimento psíquico e a prática de escuta utilizada, para concluir-se que a tarefa de escutar envolve o terapeuta desde um lugar relacionado à produção de sentidos e de discursos.

O lugar social atribuído à deficiência, o sentido do trabalho, na dinâmica psíquica e social, a forma como o trabalho afeta os laços sociais, enfim o modo como o sujeito se depara com as vivências de satisfação e sofrimento em função do que as empresas tentam cumprir para atender o que prega o Decreto 3.289 que as obriga a contratar pessoas portadoras de deficiência (PPD), demonstra um campo de discussões frutíferas para uma reflexão sobre o pathos em um enfoque que se sobrepõe a própria noção de deficiência.

No campo das fantasias de espancamento a satisfação masoquista se instala na sexualidade feminina a partir da articulação entre a falta fálica e o complexo paterno. Isso leva o sujeito a um modo de satisfação pulsional no inconsciente que direciona a escolha amorosa de algumas mulheres.

A melancolia como uma psicose, estudada por Freud e Lacan guarda diferenças fundamentais quando se retoma o percurso dos dois autores. Para isso é importante tomar-se alguns pontos cruciais como o supereu feroz, a culpabilidade e o sentimento de perda, por um lado, para que em uma elaboração mais precisa seja dado o devido lugar à importância do objeto a e do gozo implicado nessa investida do sujeito, para uma melhor elaboração dos estudos sobre a melancolia.

Conclui-se este número com um trabalho que indaga se a classificação diagnóstica seria como um nome que organiza a experiência subjetiva. Ao mesmo tempo aparece também a pergunta pela eficácia que está em jogo nas classificações diagnósticas consideradas do ponto de vista das classes interativas.